

Trabalhos Completos do XV Encontro Nacional da ABRAPSO
O SENTIDO DO TRABALHO PARA O ESCRITOR LITERÁRIO: UMA ANÁLISE
PSICODINÂMICA

Marcos Bueno

(CESUC/ UCG) mlbueno@gmail.com

Edinaldo AVELINO

(UCG/CEF) edinaldo.avelino@uol.com.br

Kátia Barbosa Macêdo – Professora Orientadora

(UCG) katia.macedo@cultura.com.br

RESUMO

O tema do trabalho é: “O trabalho do escritor literário que cria, transforma, lê, escreve: uma análise psicodinâmica.” E apresenta como problema da pesquisa: Quais os sentidos do trabalho para os escritores literários na sua prática de produção literária? O objetivo do estudo foi analisar o sentido do trabalho dos escritores literários em relação às vivências de prazer, sofrimento e adoecimento na produção de uma obra literária. Este trabalho teve a análise da psicodinâmica de Christophe Dejours com vista ao prazer e sofrimento do trabalho do escritor literário atuantes na região metropolitana de Goiânia-GO e interior de Goiás. Trata-se de um estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, com técnicas para levantamento: análise documental e entrevistas semi-estruturadas individuais e técnica de análise do discurso. A pesquisa contempla duas fases, a primeira de levantamento de referencial teórico e a segunda de coleta de dados com o presidente da UBE e cinco escritores literários filiados a União Brasileira de Escritores-Secção Goiás e Academia Catalana de Letras. O roteiro aborda cinco categorias: condições de trabalho; relações de trabalho; vivências de prazer e sofrimento e estratégias defensivas. Os resultados dos achados iniciais respondem a algumas questões norteadoras da pesquisa, quais sejam: escrever pode ser prazer ou sofrimento depende dos sentidos do trabalho para o escritor, há aqueles que escrevem por hobby, pela satisfação pessoal em escrever, em realizar um projeto pessoal, um desafio, há, no entanto, os escritores profissionais contratados para produzir sob encomenda e muitos momentos o ato criativo de escrever tornam-se um sofrimento podendo levar ao adoecimento em seu trabalho e produzindo disfunções físicas, psicológicas e sociais especialmente provocadas pelo confronto com o contexto de trabalho, danos psicológicos, sentimentos negativos em relação a si mesmo e à vida em geral, danos sociais, isolamento e dificuldades nas relações familiares e sociais, danos físicos, dores no corpo e distúrbios biológicos.

Palavras-chave: Vivências de prazer e sofrimento, trabalho, escritor literário, análise psicodinâmica.

INTRODUÇÃO

Este texto busca refletir sobre as vivências de sofrimento e prazer no trabalho do escritor literário, sendo a escrita como uma das mais importantes formas de registro gráfico inventada pelo homem. Não qualquer escrita, mas sim aquela produzida a partir de um sentido para gerar um produto literário para o leitor que também busca um sentido na leitura. A proposta aqui é discorrer e refletir sobre o trabalho do escritor literário que vive normalmente num mundo recluso, na solidão e muitas vezes sendo vítima de um preconceito de que vive num mundo recluso e é pouco afeito ao trabalho. O livro procura oferecer aos leitores não só informações técnicas, teóricas, acadêmicas e de pesquisa, mas também como uma atividade a ser desenvolvida no tempo livre, ou seja, uma atividade de lazer.

ARTE, LITERATURA E POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO E FRUIÇÃO

A arte, segundo Janson (2001), é um objeto estético, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. A necessidade de fazer arte é exclusivamente humana, e a capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do homem, que o separa de todas as outras criaturas como um abismo intransponível. Este autor descreve as seguintes capacidades presentes no trabalho artístico: coordenação, inteligência, personalidade, imaginação, criatividade e sentimento estético.

Muito sugestiva é também a conexão analítica entre trabalho e liberdade de onde se extrai que, a necessidade de que uma vida plena de sentido a partir do trabalho impõe como condição *sine qua non*, a superação da sociedade que é regida pela lógica do capital, sem o que não há domínio dos indivíduos sobre a organização social, não há tempo livre e não há auto-realização humana.

METODOLOGIA DE TRABALHO

Estudos recentes nos Grupos de Pesquisas da Universidade Católica de Goiás, da Profa. Dra. Kátia Barbosa Macêdo: “Trabalhadores de Entretenimento: uma abordagem Psicodinâmica” no Projeto “O trabalho dos trabalhadores de arte, entretenimento e lazer”. Na abordagem Psicodinâmica do Trabalho, o objetivo do projeto foi levantar dados em trabalhadores que atuam em organizações de Arte, Entretenimento e Lazer, visando responder ao problema: como os trabalhadores de arte, entretenimento e lazer vivenciam sua atuação profissional? Sabe-se que as representações sociais referentes a trabalhadores nessas atividades citadas acima são compostas por estigmas relacionados às vivências de prazer, mas o que se encontra ao examinar mais atentamente são vivências de sofrimento, advindas de horário de trabalho extenuante, atividades que sobrecarregam a saúde dos trabalhadores e várias dissertações e teses foram produzidas como: as vivências de prazer e de sofrimento de quem trabalham fazendo arte em profissionais de companhias de dança; circo; bandas de música, academia de ginástica, o trabalho das prostitutas, as vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores de um shopping center, jogadores de futebol, o trabalho dos escritores, prazer-sofrimento dos *designers* de moda dentre outros. Usando metodologia de pesquisa de acordo com Dejours, Pagés, e Enriquez.

O PROCESSO HISTÓRICO: DO DESENHAR AO LER E ESCREVER

“Porque escrever é fazer história” (Guilherme do Val Toledo Prado, 2007)

Num determinado momento, os homens sentiram necessidade de fixá-la de maneira permanente, e por isso iniciaram a busca de um caminho que os levasse à representação gráfica de sua linguagem oral. Foi um longo percurso, desde as pinturas representativas e ideográficas, até se chegar à escrita alfabética como hoje a conhecemos e que começou há apenas 5.000 anos, 17.000 depois que os primeiros artistas da humanidade iniciaram o ciclo das pinturas rupestres com as quais decoravam caprichosamente as cavernas onde se abrigavam como as descobertas no interior das grutas de *Lascaux*, na França, e de Altamira, na Espanha.

UMA DAS MAIS IMPORTANTES INVENÇÕES DA HUMANIDADE

Para Dannemann (2009), as letras, que constituem o coroamento da invenção dos tipos móveis, foram criadas pelos povos semitas da Ásia Menor há cerca de 5.000 anos, e nesse processo, cada elemento sonoro da linguagem - ou fonemas - foi sendo relacionado a determinado sinal, até que cada um deles passou a representar um único som, permitindo diversas combinações e originando os alfabetos, inclusive o romano. Foi dessa forma que

durante séculos os homens se valeram da própria voz como principal meio de comunicação entre si, mas de repente.

A LITERATURA NO BRASIL: AFINAL, SOMOS OU NÃO UM PAÍS DE LEITORES?

Nos primeiros anos do século XX, escritores de grande importância no cenário intelectual do Rio de Janeiro deram vez a uma discussão que até hoje merece nossa atenção. A questão na época era: o Brasil é um país de leitores?

El Far (2006) afirma que o famoso cronista João do Rio no início do século XX, que costumava caminhar pelas ruas da então capital federal em busca de temas cotidianos e ao mesmo tempo provocantes para suas colunas nos jornais, dizia, ao observar o intenso movimento das livrarias e o número cada vez maior de mercadores ambulantes de livros, que o Brasil, de fato, lia.

Essa colocação entusiasmada de João do Rio provocou uma análise dura do colega, Olavo Bilac, poeta, cronista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras que discordava veemente. Utilizando como prova os dados censitários que denunciavam o alto índice de analfabetismo em todo país e a constante queixa dos romancistas eminentes que mal conseguiam esgotar a primeira edição de suas obras, Bilac deixava clara as suas opiniões: o Brasil não lia, pela “razão única e terrível de não saber ler”.

Durante o século XX, o esforço dos editores em disseminar o livro e a leitura continuou enfaticamente. Coleções populares a preços reduzidos e títulos de interesse popular ganharam espaço crescente nas livrarias, conforme El Far (2006).

Mas é preciso frisar que o livro em nosso país nem sempre foi algo cotidiano e trivial. Em decorrência conta da política colonial e ditadura portuguesa, que proibia qualquer tipo de impressão, e de um limitado acesso à instrução e à educação, o volume impresso no Brasil, por um longo período circulou em espaços bastante restritos e como muitas dificuldades.

O PRAZER DE LER É PARA POUCOS

Marcellino (2002) comenta uma cena do filme “A hora da estrela” onde a personagem Macabéa, que mora em uma pensão, está lendo um livro e constantemente volta a capa. Perguntada pela companheira sobre essa atitude, ela responde: “ Não gosto de livros sem figuras. “E como este não tem volto sempre a capa para lembrar”. O citado autor afirma que a leitura considerada como atividade de lazer, está ligada de modo direto, a satisfação dos interesses intelectuais, isso não quer dizer, que não possam ser atendidos, por exemplo, interesses artísticos no ato de ler. Mas, quase sempre o leitor busca de forma inconsciente um contato, um encontro com o real, explicações racionais.

De acordo com Amorim (2008), o quadro de leitores no Brasil indica uma realidade pouco animadora. Enquanto nos países de primeiro mundo, como Estados Unidos e França, há uma média de leitura de até sete livros por pessoa ao ano, no Brasil esta média baixa para 1,8 livros por pessoa ao ano, e mesmo assim aí estão incluídos os livros técnicos e acadêmicos. As pesquisas mostram que este número cai drasticamente quando os alunos deixam as salas de aula. A produção de livros em nosso país, no período de 1998 a 2004 estava em torno de trezentos milhões de livros por ano, mas 99,3% deste total eram livros acadêmicos, e somente 0,7% obras literárias, o que indica que este sombrio panorama pede mudanças.

Mas a grande pergunta é justamente o que devemos fazer para reverter esta situação? Embora o grande poder, esteja concentrado nas mãos dos governos através de seus ministérios, que podem investir em políticas públicas e gestões neste sentido, até aumentando as bibliotecas nas empresas, nas comunidades e igualmente numa tentativa grandiosa junto às escolas brasileiras, nós também podemos fazer nossa parte. Se, mesmo uma mentira repetida milhares de vezes, pode parecer com a verdade, o que não ocorrerá com a própria verdade?

Afinal, qualquer país para pensar em ser grande precisa investir pesadamente na educação e os produtores de livros, aí englobando editoras, autores e escritores são os elementos básicos deste processo.

O TRABALHO DO ESCRITOR LITERÁRIO HOJE

Abordar os sentidos do trabalho para os escritores literários é fazer um mergulho no imaginário. Nesse mundo fantástico dos escritores literários. Por que, como e para que escrevem obras literárias? Qual o papel da literatura e da arte? Escrever, produzir literatura e arte é trabalho para o autor. Para o leitor pode ser apenas um passatempo, um lazer, ócio, não trabalho.

Os escritores projetam nos livros uma dimensão existencial e criativa de suas obras, como no caso de Cora Coralina descrita por Ramón (2006) plena de poder metafísico, de metáforas com que converte as coisas do cotidiano em “coisas em segundo grau”, alcançando assim uma dimensão universal.

“Mãos pequenas e curtas de mulher
Que nunca encontrou nada na vida.
Caminheira de uma longa estrada.
Sempre a caminhar.
Sozinha a procurar.”
(Cora Coralina)

De acordo com Ramón (2006) o artista estranha e esconde sua intimidade criativa. O artista se desnuda para produzir sua obra, se revela, se desvela e encontra o novo, o inimaginável. O artista é um descobridor, um inventor do mundo de sua fantasia, de seu mundo imaginário que ele transforma como artesão num produto literário, numa obra de arte. O motivo: a palavra criativa como ensina Jung, sempre transcende seu autor.

Quem é esse escritor que perambula pelas páginas em branco buscando na memória um motivo, um desejo, uma provocação do inconsciente? É um poeta, um prosador, um utopista, um ilusionista, um romancista, um construtor de palavras, um trágico, um dramaturgo, um biógrafo, um professor? Talvez tudo isso, talvez mais além, vivendo num mundo que transcende o cotidiano, num mundo e sonhos utópicos, e numa realidade de dimensões atemporais. Sua tarefa é escrever para alguém, para o outro.

O escritor tem seus fantasmas, seus outros nessa construção pensamento criativo, linguagem e palavra escrita. É um constante mundo em conflito entre o eu e o outro. A questão da escrita que toma como ponto de partida, um olhar, o “escritor e seus outros”, como diz Sabatto (2003) o escritor e seus fantasmas.

O sonho do escritor talvez seja conseguir transcender os limites dos seus sonhos, quem escreve/quem lê o que se escreve/o que se lê, e nessa discussão que entremeia utopias, sonhos, desejos e realidades está o medo e a liberdade de se comunicar com seu leitor. As palavras e todas as contradições possíveis que surgem como consequência da linguagem escrita-quando socializada, publicada, divulgada, compartilhada, enfim, lida pelo leitor. Sem o leitor não há o livro, não há o escritor, fica apenas os fantasmas para atormentar a mente dos escritores.

O outro está dentro do próprio escritor, seus fantasmas, ou em seus heterônimos como diria Fernando Pessoa um dos maiores poetas do século XX e criador de Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Para Mota (2007) os escritores que não escrevem exatamente para alguém, mas escreve mais para si mesmos, como resposta de um desejo, uma pulsão insaciável, a uma necessidade, como diz Lygia Fagundes Telles:

Escrever é realizar um desejo que é forte. Como eu já disse, é uma fatalidade, uma vocação. O ato de escrever é um ato que me realiza, independentemente se o trabalho tenha ou não tenha sucesso: não me interessa mais isso.

Escrevendo, eu me realizo (BRITO 1999, p.109).

Muitos escrevem para socializar seus sonhos, desejos e o conhecimento. Há, no entanto aqueles escritores por profissão escrevem para outros “escritores” que não sabem escrever, trabalham para editoras especializadas, são os escritores fantasmas que seus nomes não aparecem nos livros, aparecem seus clones, na verdade poderíamos chamá-los os que se utilizam dos escritores como plágios de escritores.

Sabatto (2003) diz que o maior problema dos escritores literários Talvez seja o de evitar a tentação de juntar palavras para fazer uma obra. Disse Claudel que não foram as palavras que fizeram a Odisséia, mas o oposto. Sabatto (2003) escreve que o escritor é a voz de seu tempo. O escritor substitui o padre, vestiu a clâmide dos mártires, sofrem de mil males, tomou a luz de sobre o altar e a difundiu no seio dos povos; ele foi príncipe, mendigo; ele consolou, ele maldisse, ele ou, ele profetizou, ele foi o guru da auto-ajuda, só não conseguiu substituir os políticos.

No livro O lugar do escritor Chiodetto (2002) apresenta dados coletados ao longo de cinco anos, feito pelo autor que visitou 36 escritores brasileiros: de Adélia Prado a João Cabral de Melo Neto, de Haroldo de Campos a Lygia Fagundes Telles, de Ariano Suassuna a Paulo Lins. Além de colher seus depoimentos, o fotógrafo captou detalhes dos ambientes de trabalho onde esses escritores literários produzem suas obras e realizam seus sonhos, desejos, onde projetam na tela do computador ou na folha branca de papel seus inconscientes, seus imaginários. O citado autor penetrou no território de suas bibliotecas, na maioria dos casos uma desorganização ou um caos para os leigos e leitores e compôs um retrato sensível de cada um deles. O livro O lugar do escritor é um painel fascinante que junta imagem e palavras, confissão e memória, diálogos e reportagens.

Chiodetto (2002) mostra os registros de espaços físicos e psicológicos, que certamente os ultrapassam as fronteiras da mente humana, do imaginário humano, dos olhares sem fronteiras e sem limites no horizonte utópico da realidade humana. Quando falamos sobre o sentido do trabalho para os escritores literários, estamos fazendo uma pergunta: Qual é o lugar do escritor? Qual o lugar em nossa mente, no coletivo social, na história, na subjetividade humana? Boris Kasoy no prefácio do livro de Chiodetto (2002) cita que em todos os lugares. Assim como o lugar da imagem. Ela está em toda parte, em terna busca: ela cerca e acompanha o seu objeto de desejo, e de legado á história humana. Imagem e linguagem se completam sinergicamente.

Falar sobre o trabalho do escritor literário é fazer uma viagem em que podemos presenciar silêncios e hábitos nos recolhimentos, ora sombrios, ora luminosos, de seus lugares mágicos num dado momento de suas trajetórias. Uma viagem de criações múltiplas e possibilidades ilimitadas, com partida, todavia sem chegada, eterna na sua duração documental textual.

Para Sabato (2003):

O verdadeiro escritor, ao escrever, vai além do passatempo e da diversão: precisa alimentar o fanatismo da escrita. Ao investigar a impureza da vida, o artista oferece um testemunho do mundo e do homem de seu tempo. Realizar um retrato fiel e complexo da experiência humana sem produzir um reflexo mecânico da realidade é a característica essencial da literatura que resiste ao tempo e aos fantasmas do ofício criativo. (SABATTO, 2006, p.75)

Os escritores têm muitos fantasmas como companhias em seus momentos de solidão criativa. Os sentimentos e razões vão sendo mobilizados numa alquimia imprevisível no sentido de se construir uma escrita, um registro do pensamento e da fantasia. Dias Gomes afirma que:

Se não escrever, não vivo: fico angustiado. Escrevo diariamente, religiosamente. O dia em que não escrevo, fico com um sentimento de culpa enorme. Se ficar três dias então, fico totalmente neurótico. Tenho que estar ocupado, se não, falta alguma coisa na minha vida (apud Brito, 1999, p.41).

A LEITURA COMO CAMINHO DA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA E ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO ENTRE ESCRITOR E LEITOR

Freire (2008) afirma que através da leitura de texto literário surge um olhar que se apropria da leitura como experiência formadora, deformadora e transformadora. A leitura como experiência que desafia e transforma o leitor, não é um processo neutro, tem o poder de levar o leitor a novas crenças e possibilidades, sempre há uma intenção no texto literário.

Há uma aproximação entre a literatura e a psicologia, no sentido de enfatizar papel da leitura do símbolo literário ocidental na formação do profissional de psicologia. A literatura tem uma íntima relação com o conhecimento psicológico, até porque os autores se apropriam do conhecimento da psicologia para definir seus personagens, relações, conflitos, o drama e a trama, etc. É praticamente impossível escrever algo literário sem a presença psicológica na narrativa literária. A literatura está carregada de metáforas, figuras de linguagens, intenções, desejos ocultos, etc., conforme Freire(2008).

A leitura deve ensinar-nos o valor do mutável, dinâmico, inesperado, inédito. É disso que se trata quando ansiamos por compreender a existência. São fatos, acontecimentos, vivências e convivências. Após a leitura de um grande livro não seremos mais os mesmos. Ela nos toca em nossa abertura ao mundo e ao outro. Leitura faz parte da fronteira entre a sabedoria e a ignorância. Inteligente é aquele que sabe fazer uma boa leitura da realidade. Leitura, saber e aprendizagem estão intimamente interligados. A leitura propicia um encontro, um encontro com a inteligência adormecida que precisa ser desperta. Freire (2008) e Bonder (2001)

Diógenes (2006, apud Freire, 2008) afirma que há duas operações no ato da leitura: o prazer que reflete o contentamento do leitor, e o gozo que implica em destruição da cultura e desconstrução da língua, e que gera desconforto neste mesmo leitor.

RESULTADOS

O presente Trabalho está fundamentado na abordagem Teórica e Reflexiva com levantamento de dados preliminares, no primeiro momento através de revisão literária e no segundo momento com entrevistas individuais e coletivas com escritores da UBE-GO, segundo a metodologia de Christophe Dejours. A razão da escolha da metodologia documental histórica e de entrevista individual e coletiva apresentado neste trabalho se dá pelo uso atuais onde a metodologia da abordagem psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejours tem se mostrado eficiente na explicação das vivências de prazer e sofrimento no trabalho, assim como as contribuições dos sentidos do trabalho de Antunes (2008) também explicam muito do que tem significado o trabalho no mundo atual. A seguir são apresentados alguns pontos considerados importantes da pesquisa documental (revisão literária) e entrevista inicial na UBE-GO. Os resultados dos achados iniciais respondem a questões norteadoras da pesquisa, quais sejam: escrever pode ser prazer ou sofrimento depende dos sentidos do trabalho para o escritor, há aqueles que escrevem por *hobby*, pela satisfação pessoal em escrever, em realizar um projeto pessoal, um desafio, há, no entanto, os escritores profissionais contratados para produzir sob encomenda e em muitos momentos o ato criativo de escrever tornam-se um sofrimento podendo levar ao adoecimento em seu trabalho e produzindo disfunções físicas, psicológicas e sociais especialmente provocadas pelo confronto com o contexto de trabalho, danos psicológicos, sentimentos negativos em relação a si mesmo e à vida em geral.

CONCLUSÃO

O escritor consta da Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego, apesar de ser mais arte do que uma atividade técnica e classificada como profissão. Ser escritor tem seu lado penoso como cita Ernesto Sabato, que consiste em que o trabalho o obriga a misturar-se com uma série de literatos. Para manter as aparências, para fazer seu marketing pessoal, comparecer a reuniões em companhia de críticos, autores que escrevem

para o rádio, TV, jornais, revistas e gente que lê livros. Todos eles falam de um jargão que só os literatos entendem.

Mota (2007) afirma que um conhecido revolucionário do século XIX chamado Karl Marx, a quem ninguém pode acusar de tendências pequeno-burguesas, recitava Shakespeare de memória, extasiava-se com Byron e Shelley, elogiava Heine e considerava o reacionário do Balzac um gigante admirável. Tanto ele como Engels lamentavam que um gênio como Goethe se rebaixasse a comportar-se como filisteu e às honras de seu mundo. Não ignoravam suas contradições humanas, sabiam perfeitamente até que ponto Goethe era um artista das classes reacionárias; mas, não obstante, o amavam e admiravam, consideravam-no uma contribuição definitiva para a cultura da humanidade.

Os escritores intencionalmente ou não provocam revoluções sociais. Sabato (2006) afirma que toda revolução precisa reconhecer e compreender a herança espiritual da sociedade que termina. Se isso não ocorrer, a revolução não está madura e aí teremos os absurdos que a história nos mostra. Cada arte tem seus objetivos, suas intenções e seus limites. E por absurdo que pareça essas limitações não constituem fraquezas, mas uma força.

Escrever livros é um trabalho que tem sentidos, motivações, desejos e emerge desse paradoxo que é decodificar essa situação dialógica chamada prazer-sofrimento.

De qualquer forma, o texto literário é portador de uma riqueza impar como afirma Freire (2008) e cita Barbosa (1993, p.23), “a literatura nunca é apenas literatura; o que lemos como literatura, é sempre mais – é história, psicologia, Sociologia”. Continua Freire (2008), que a experiência da leitura vai muito além dos limites do texto. Implica na constituição do mundo subjetivo dos leitores e, para além destes, dos indivíduos em geral.

Kehl (2001 apud Freire, 2008) afirma que a leitura dos romances realistas como mecanismo de constituição do individualismo moderno, coloca, ao mesmo tempo, como característica da literatura também moderna, o dar voz ao sujeito comum em seu desamparo, em seu desajuste, em sua incompreensão enquanto sujeito no mundo.

"A humanidade progride.
Hoje somente queimam meus livros;
séculos atrás teriam queimado a mim."
(Sigmund Freud)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. **ALMEIDA, L.** O problema da autoria: **internet, literatura e ontologia**. 2002. 349 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Subjetividade) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.
2. **ALMEIDA, Leonardo Pinto de.** **LITERATURA E A EXPERIÊNCIA DO ESCREVER: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 87-106, jan./jun. 2009. Licenciado sob uma Licença Creative Commons.
3. **AMORIM, Arnaud Carlos de.** **Leitores no Brasil** Publicado no Recanto das Letras em 31/05/2008. <http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/1013802>.
4. **ANTUNES, Ricardo.** **Os sentidos do trabalho**. São Paulo, Boitempo, 2000.
5. **BARBOSA, J.A.** **A literatura nunca é apenas literatura**. In: Barbosa, J.A.;
6. **BARROS, M.** **O livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
7. **BARTHES, R.** **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Cultrix, 1975.
_____. **Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. São Paulo: Cultrix, 1978.
8. _____. **Escrever, verbo intransitivo?** In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984a. p. 30-39.
9. _____. **A divisão das linguagens**. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984b. p. 110-122.

10. BLANCHOT, M. **Le livre à venir**. Paris: Gallimard, 1959.
11. _____. **L'entretien infini**. Paris: Gallimard, 1969.
12. _____. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
13. BRITO J.D. (org.) **Por que escrevo?** São paulo: Escrituras,1999.
14. CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. Cosac & Naify.São Paulo: 2002.
15. DANNEMANN, Fernando Kitzinger. **A escrita - 1ª parte**. Publicado em **14/02/2007 às 03h51**.<http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=380623>.
16. DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
17. DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
18. _____. **Qu'est-ce que l'acte de création?** In: _____. **Deux régimes de fous: textes et entretiens, 1975-1995**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003. p. 291-302.
19. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka, pour une littérature mineure**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.
20. EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. São Paulo: Jorge Zahar editor, 2006.
21. FOUCAULT, M. **A loucura, a ausência da obra**. In: _____. **Ditos e escritos I. problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a. p. 190-198.
22. **Literatura e a experiência do escrever**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 87-106, jan./jun. 2009.106
23. _____. **Loucura, literatura, sociedade**. In: _____. **Ditos e escritos I. problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b. p. 210-134.
24. FELICIO, Eguimar Chaveiro. **Cartas entre um geógrafo psicanalista e um psicólogo ufanista**. E-mail. 2006.
25. FREIRE, José Célio. **Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v.60,n 2,2008
26. KEHL, M.R. **A constituição literária do sujeito moderno**. 2001. Disponível em:<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/kehl6.htm>. Acesso em 2 de maio 2007.
27. LANDSMANN, L.T. **Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas**. São Paulo: Atica, 1995.
28. **Literatura e a experiência do escrever**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 87-106, jan./jun. 2009.106.
29. _____. **A loucura e a sociedade**. In: _____. **Ditos e escritos I. problematização do**
30. **Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária,
31. 1999c. p. 235-242.
32. _____. **Linguagem e literatura**. In: MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**.
33. Rio de Janeiro: JZE, 2000. p. 137-174.
34. _____. **A linguagem ao infinito**. In: _____. **Ditos e escritos III. estética: literatura e**
35. **pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 47-59.
35. MACÊDO, K. B (org.). **Qualidade de Vida no Trabalho**. Goiânia:UCG, 2006.
36. MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: Uma Introdução**. Campinas-SP, Ed. Autores Associados, 2006.
37. MENDES, Ana Magnólia Bezerra. **Aspectos Psicodinâmicos da Relação Homem Trabalho: As Contribuições de C. Dejours**. Revista Ciência e Profissão, v. 1,2,3, p. 34-38, 1995.
38. MENGER, Pierre-Michel. **Retrato do artista enquanto trabalhador – metamorfoses do capitalismo**. Lisboa, Roma editora, 2005.
39. MOTTA, Ednaceli Abreu Damasceno. **O escritor e seu outro**. In PRADO, Guilherme do Val Toledo. Campinas: Alínea, 2007.

40. PALLOTTINI, Renata. **Censura: o dano irre recuperável ao teatro brasileiro**. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo Media & Jornalismo, (12) 2008, pp. 19-26.
41. PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas: Ed.Alínea, 2007.
42. RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Cora Coralina o mito de Aninha**. Goiânia: Ed.,UCG,2006.
43. SABATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
44. SMIERS, Jost. **Artes sob pressão**. Democracia cultural, 3ª Ed.Inst. Pensante.